

Orquidário

Volume 3, nº 4, 1989
outubro, novembro e dezembro



Revista
da Orquidário

ORQUIDÁRIO

Envio por correio n.º R. 12

Obra n.º *J*

Bibliotecário

DIRETORIA

Presidente..... Alvaro Pessôa
Vice-Presidente..... Waldemar Scheliga
Secretário..... Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro..... Raimundo Mesquita
Diretor Social..... Hans J. O. Frank

Diretor de Exposições..... Helena Eyer
Diretor de Julgamento..... Roberto Agnes
Diretor Técnico..... Roberto Agnes
Assistente da Diretoria..... Antônio A. de Gouvêa
Bibliotecário..... Mário de Abreu Almeida

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor: Roberto Agnes — Tel.: (021) 541-3279

Comissão Editorial: Sandra Frank, Carlos A. Gouveia, Waldemar Scheliga, Álvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista e de propriedade de Orquidário, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como **ND** não pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços

1 — contribuição dos sócios:

— fundadores e contribuintes: 7 BTN's Fiscais por trimestre ou 20 BTN's Fiscais por anuidade.

— correspondentes, residindo fora da cidade do Rio de Janeiro: 4 BTN's Fiscais por trimestre ou 12 BTN's Fiscais por anuidade.

— vitalícios, por faixa etária:

I — de 30 a 40 anos — 3.500 BTN's Fiscais

II — de 40 a 50 anos — 2.750 BTN's Fiscais

III — de 50 a 55 anos — 2.000 BTN's Fiscais

IV — de 55 a 60 anos — 1.570 BTN's Fiscais

V — de 60 a 65 anos — 1.200 BTN's Fiscais

VI — de 65 a 70 anos — 790 BTN's Fiscais

VII — de 70 a 75 anos — 450 BTN's Fiscais

VIII — acima de 75 anos — 350 BTN's Fiscais

2 — números atrasados e avulsos da Revista, sujeitos à disponibilidade de estoque: 4 BTN's fiscais.

3 — publicidade, devendo o interessado fornecer o texto e lay-out:

— página inteira: 125 BTN's Fiscais

— meia página: 70 BTN's Fiscais

— quarto de página: 40 BTN's Fiscais

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba nº 122 — Botafogo, CEP 22.271 — Rio, RJ.

Índice dos artigos

Editorial	pág. 4
<i>Laelia purpurata a flor nacional do Brasil</i>	pág. 5
<i>O gênero Paphiopedilum uma introdução. Parte três</i>	pág. 7
<i>O delicado tema da adubação</i>	pág. 11
<i>A C. Enid Butterfly, produzindo magníficas semi-albas</i>	pág. 14
<i>Nossas Orquídeas menores. Dichaea</i>	pág. 16
<i>Espécies interessantes de epidendrum</i>	pág. 19
<i>Cultivando a Orquidário</i>	pág. 21
<i>A Sementeira dos Sócios</i>	pág. 25
<i>Pelas Livrarias</i>	pág. 26

Índice e créditos de fotos e desenhos

<i>Paphiopedilum insigne. Álvaro Pessoa</i>	pág. 7
<i>Paphiopedilum fairrieanum e spicerianum. A. Pessoa</i>	pág. 8
<i>Paphiopedilum rothschildianum. Lefèvre</i>	pág. 9
<i>Paphiopedilum adductum. A. Pessoa</i>	pág. 10
<i>C. intermédia. Álvaro Pessoa</i>	pág. 11
<i>Blc. Cap. Pessoa. A. Pessoa</i>	pág. 14
<i>Dichaea muricata. Augusto F. Neves</i>	pág. 16
<i>Dichaea pendula. Augusto F. Neves</i>	pág. 18
<i>Epidendrum parkinsonianum. Lefèvre</i>	pág. 19
<i>Nanodes medusae. Lefèvre</i>	pág. 20
<i>Maquete. Ana Lucia Messias</i>	pág. 21

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º .. R. 12
Obra n.º .. J

Nossas Capas

A introdução de cores nas capas, presente de Natal aos nossos sócios, tinha de coincidir com a época maior da flor nacional, a *Laelia purpurata*, mostrada na capa por uma das suas mais cobiçadas variedades, a *Werckhäuseri*.

A contra-capa, traz um belo clone da *Blc. Capitão Pessoa* (que, para quem não sabe é o pai do nosso Presidente), criado, como corista de um dos artigos, por *Rolf Altenburg*, que, além de orquidófilo maior é, também, grande fotógrafo de flores. São de sua autoria as duas fotos que ornaram as capas.

Nosso próximo número

No próximo número teremos a continuação do artigo sobre o gênero *Dichaea*. A seção de cultivo fica com *Vitorino Paiva Castro Netto*, excelente cultivador de *Catasetums* e teremos o início de uma série sobre o gênero *Phalaenopsis* já que essas plantas têm conquistado um espaço cada vez maior, nas coleções de muitos orquidófilos.

EDITORIAL

Passou um ano já, desde que me iniciei no mundo da editoria e é com grande prazer que observo a crescente aceitação à nossa revista. Como a qualquer um que assume uma tarefa nova, um pouco de medo me assaltou, mas, graças à participação de todos, não se materializou. Parece que o apelo feito no primeiro editorial surtiu efeito e a resposta foi excelente. Vocês devem ter notado vários novos nomes ao lado dos que, habitualmente, estão como nossos colaboradores.

Algumas vezes ainda se questiona se falta alguma coisa à revista ou quanto a certos tópicos, mas isto só pode ser remediado com maior participação de todos.

O papel do Editor, como eu vejo, não é especificamente fazer os editoriais, mas, sobretudo, escolher textos, dentre os mandados por sócios ou colaboradores escolhidos. Normalmente, cada Editor busca dar um certo equilíbrio, uma unidade à revista e, obviamente, cada estilo é diferente. Por tal razão alguns podem acabar a revista pouco técnica e outros o oposto. Com isso em mente, tentei manter um balanço neste ano entre espécies, híbridos e outras informações de interesse geral. Logicamente, quanto mais participação, mais fácil se tornará mi-

nha tarefa de editor. Neste número abrimos uma seção de cartas de leitores, porque achamos que este é também um meio de tornar mais viva e participativa a revista.

Seu Editor não é um super-homem e a publicação não seria possível sem a ajuda da Comissão Editorial, que se responsabiliza, entre outras coisas, pela revisão dos manuscritos, de maneira que a revista possa ser publicada o mais corretamente possível. Temos também o nosso fotógrafo, que em várias ocasiões teve a calma de seu fim de semana perturbada por um ansioso Editor em busca de fotos para um novo artigo. Nosso ilustrador, quando não se encontra uma orquídea para fotografar, também nos é imprescindível. Finalmente, mas não por último, contamos com o nosso tesoureiro que tenta bravamente manter-se calmo quando chega o tempo de pagar a edição, cada vez mais cara, e que participa na publicação dela ativamente.

É o final do ano e somente podemos desejar que o ano novo traga mais surpresas (boas) e prazer para nossos sócios. Com isso aproveito a oportunidade para desejar a todos os nossos sócios boas festas e um florífero Ano Novo.

Roberto Agnes

Mensagem da Diretoria

Conclui-se, com este número, o ano orquidófilo de 1989. Foi, sem dúvida, um bom período para a OrquidaRio, que viu cumpridas todas as metas que se impôs, chegando até às cores nas nossas capas. Para tudo isto contribuiu a alegria e o entusiasmo dos sócios.

A todos o muito obrigado da Diretoria e os votos e a certeza de que 1990 será melhor.

Laelia purpurata, a flor nacional do Brasil

Waldemar Scheliga*

A *Laelia purpurata* é uma espécie de grande valor ornamental e apresenta um enorme número de variedades. É, também, considerada a “Rainha das Orquídeas Brasileiras”. Seu habitat se estende ao longo do litoral dos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estranhamente “pula” o Estado do Paraná, onde não ocorre.

A *Laelia purpurata* iniciou a sua trajetória no meio orquidófilo em 1847, quando foi descoberta por François Devot, no Estado de Santa Catarina. Nos anos seguintes ela foi difundida na Europa pela firma Verschaffelt, de Gand. A primeira floração deu-se em York nas estufas da firma Backhouse & Sons. Lindley descreveu a planta em 1852 dando-lhe o nome de *Laelia purpurata*. Em seguida tornou-se um objeto cobiçado por todos os colecionadores e ainda o é até hoje.

Na década de 30 a *Laelia purpurata* ainda era abundante em seus habitats, porém, o desmatamento e a coleta desenfreados acabaram reduzindo a sua ocorrência ao mínimo. Já em 1968, Pabst e Dungs alertavam que a *Laelia purpurata* estava reduzida a uma pequena faixa de poucos quilômetros de largura ao longo da Mata Atlântica.

Em 1928, aos 14 anos de idade, tomei conhecimento dessa planta pela primeira vez. Foi em São Paulo, com o meu tio Abílio Ribeiro Vieira que, no fundo do quintal de sua casa, mantinha um pequeno ripado e cultivava algumas *Laelias purpuratas*. Tive também ocasião de acompanhá-lo à reuniões de orquidófilos. Íamos de bonde levando as plantas floridas no colo. Bastava alguém olhar com mais insistência para que tio Abílio — um português loquaz e sociável — logo

passasse a explicar em detalhes as maravilhas das flores que estávamos conduzindo. A frequência das reuniões não era grande. Portanto, naquela época o número de purpurateiros ainda era reduzido.

A grande febre para colecionar *Laelia purpurata* alcançou o auge na década de 50. Naquela época o Dr. Ferdinando Krackowitzer publicou uma monografia sobre a *Laelia purpurata*, listando 220 variedades pesquisadas por ele em todas as publicações sobre a matéria lançadas até então.

Foi também nessa ocasião que se desencadeou a grande “caçada” da *Laelia purpurata* e as plantas eram coletadas na mata, lotando, caminhões e depois cultivadas em ripados. Eram separadas as espécies mais raras e bonitas, enquanto as comuns tinham destino menos glorioso. Cada colecionador queria possuir a raridade e o exemplar “único”.

Felizmente, cultivadores esclarecidos passaram a reproduzir em seus orquidários as melhores variedades de *Laelia purpurata* por sementeira e cruzamento entre as mesmas. O resultado é que dispomos hoje de ofertas abundantes e vantajosas de plantas selecionadas que produzem flores variadas e de boa forma. Assim, embora a *Laelia purpurata* esteja em processo de extinção na natureza, a orquidofilia, desempenhando o seu objetivo específico, zela e promove a sobrevivência da planta, procurando ainda aprimorar as suas qualidades.

Observou-se como é fácil a produção antropogênica de formas e até variedades de *Laelia purpurata*. Da autofecundação de uma planta selecionada é possível obter-se plantas de variedades diferentes como, p.ex.: alba, Russeliana e vinicolor. Daí é possível deduzir que a *Laelia purpurata* gene-

* Rua Almirante Saddock de Sá, 133/401 Rio de Janeiro.

ticamente ainda é instável e seu processo evolutivo ainda não terminou. As suas inúmeras variedades são o resultado de uma disseminação natural segundo a Lei de Mendel. Por sua vez, o Prof. Brieger (em Schlechter, Die Orchideen, 3ª Ed. 1985) presume que algumas variedades da *Laelia purpurata* já atingiram o estágio de estabilidade genética e menciona as variedades: *alba*, *carnea* e *Russeliana*, como sendo mutações genéticas naturais e cuja linhagem aparentemente se estabilizou, tornando-se assim recessivamente dominante.

Não é para admirar que os principais purpureteiros são os orquidófilos do sul. A apresentação de variedades e formas diferentes da *Laelia purpurata* em exposições tomou tal vulto que obrigou a Federação Gaúcha de

Orquidófilos a estabelecer um regulamento, dividindo e definindo todas as variedades em 28 grupos: alba; ardósia; cárnea; caerulea; magenta; roxo-bispo; roxo-violácea; rubra; sangüínea; vinicolor; anellata; argolão; áurea; concolor; flâmea; mandayana; oculata; Schroederae; semi-alba; striata; suave; venosa; atro-purpúrea; Russeliana de sépalas e pétalas albas; Russeliana de sépalas e pétalas coloridas; multiforme de sépalas, pétalas albas; multiforme de sépalas e pétalas coloridas e tipo.

Dessa maneira, os colegas sulinos conseguiram, de certa forma, disciplinar a nomenclatura das variedades da *Laelia purpurata*. Porém, essa regulamentação só tem valor local por não se enquadrar nas normas estabelecidas pela taxonomia universal.

FLORABELA

— ORQUÍDEAS Nativas do Estado do ESPÍRITO SANTO

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

CAIXA POSTAL 841 - CEP 29.001 - VITÓRIA - ES

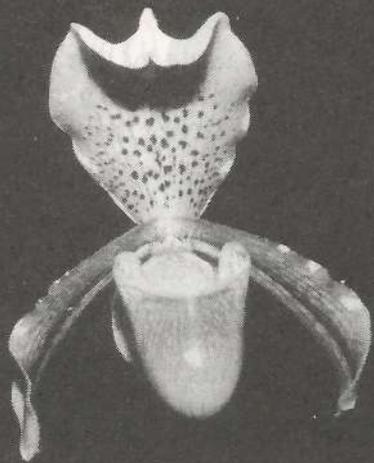


ARANDA

ESPÉCIES BRASILEIRAS — HÍBRIDOS — PAPHILOPEDILUMS

VISITE NOSSAS ESTUFAS

Aranda - Plantas, Pesquisa e Comércio Ltda.
Estrada do Quebra Frascos S/Nº - Teresópolis - RJ



Paphiopedilum insigne

O Gênero *Paphiopedilum*

Uma introdução — Parte três

Roberto Agnes*

Na segunda parte dessa série tratamos das seções *Barbata*, *Cochlopetalum* e *Pardalopetalum*. O presente, que é o final da série, trata das seções *Paphiopedilum* e *Coryopedilum* que completam as 5 seções do subgênero *Paphiopedilum*.

Seção *Paphiopedilum*

Essa seção compreende 10 espécies, entre elas *P.barbigerum*, *P.druryi*, *P.exul*, *P.gratrixianun* e *P.villosum* que têm como características inflorescências com uma só flor e folhas verdes não marchetadas.

P.insigne é provavelmente a mais popular das espécies do gênero e é de fácil cultivo, floresce, também, com facilidade e, rapidamente, se transforma numa planta robusta. A espécie foi descrita em 1822 por Lindley, com base em plantas que lhe chegaram do nordeste da Índia. As plantas têm uma distribuição limitada e são achadas crescendo entre 1.000 e 1.400m de altitude, geralmente em formações de rochas de calcário dolomítico perto de cachoeiras e à sombra leve de arbustos. As plantas têm folhas de até 30cm de comprimento e produzem inflorescências de até 25cm de altura. A flor tem 7-10cm de diâmetro e a sépala dorsal é verde-pálido com a margem branca, salpicada de pintas marrom-escuro na superfície interna. As pétalas, marrom-claro com um sopro amarelo são riscadas de veações marrom-avermelhado, com o labelo cor de bronze com um sopro roxo-amarelo. A espécie varia bastante de cor e de tamanho e existe um bom número de variedades. *P.insigne*, 'Harefield Hall' é provavelmente a mais famosa, com

flores que têm quase o dobro do tamanho da forma típica e com pintas mais pronunciadas. Está provado que essa variedade é um triplóide. *P.insigne*, var. *sanderianum* tem flores brancas e amarelo brilhante sem marcas roxas e *P.insigne*, var. *sanderiae* tem flores com poucas pintas roxas e com veias verdes no dorsal.

P.insigne foi importante na produção dos modernos *Paphiopedilums* pintados e muitos dos híbridos complexos verde/amarelos têm *P.insigne*, var. *sanderianum* entre os seus antepassados.

P.fairrieianum é provavelmente uma das mais distintas espécies do gênero e é facilmente reconhecida por seu dorsal branco, rajada pronunciadamente de roxo e com a margem ondulada. Tem uma história extremamente interessante, e a primeira planta vista em cultivo apareceu em 1859 e foi exibida pelo Sr. Fairrie. O lugar de origem permanecia desconhecido e já em 1904 tinha se tornado tão rara em cultivo (somente uma planta sobrevivera na Inglaterra e quatro pequenas plantas em Luxemburgo) que o famoso colecionador Sander ofereceu 1.000 libras de prêmio por sua redescoberta. Naturalmente, a resposta foi quase imediata e em 1905 um grande número de plantas foi colhido e introduzido em cultivo. A espécie se tornou bastante rara no seu habitat natu-

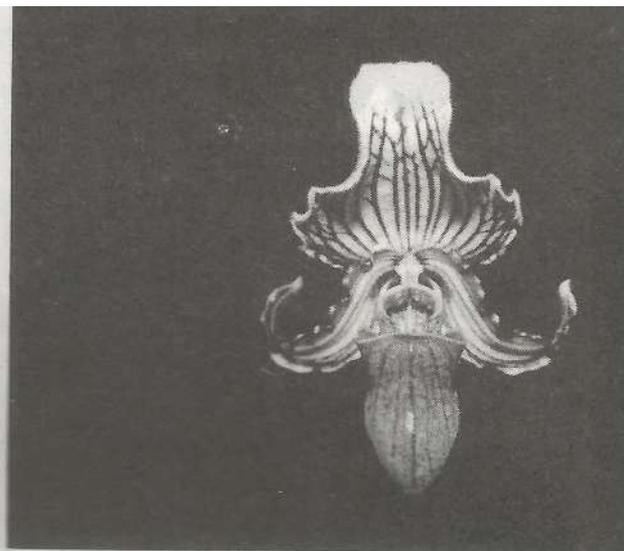
* Trav. Pepe, 98/201, Botafogo, Rio, RJ — 22.290.

ral por causa da coleta predatória e dos incêndios nas florestas. Junto com as outras seis espécies de *Paphiopedilum* achadas na Índia, *P. fairrieianum* está na lista de orquídeas ameaçadas de extinção.

As plantas são originárias do Estado de Bhutan. Crescem em formações rochosas de calcário cristalizado em colinas de grama e florestas de carvalho e em calcário dolomítico, em saliências acima de rios ou riachos a altitudes entre 1.400 e 2.200m. A região está sujeita à monção com chuvas abundantes no verão e clima frio e seco no inverno com temperaturas noturnas dificilmente ultrapassando 10°C. A inflorescência, que ocasionalmente carrega duas flores, mede de 12 a 45cm de altura e a flor varia de 4.5 a 7cm de diâmetro. A flor é vistosa, o dorsal é branco com veias roxas e verdes e levemente tingido de roxo. As pétalas têm marcas semelhantes e o lábello é verde-oliva com veias mais escuras. Existe um número de variedades como *P. fairrieianum*, var. *album* que é branco com veias verdes. *P. fairrieianum*, var. *giganteum* produz grandes flores com o dorsal que mede 4.5cm de diâmetro e *P. fairrieianum*, var. *nigrescens* tem flores pequenas que são fortemente tingidas de um roxo-escuro.

Muitos híbridos foram feitos usando *P. fairrieianum* e a espécie tende a passar suas características (dorsal ondulada e pétalas curvadas) sempre trazendo mais encanto às flores. Uma vantagem de se hibridar com *P. fairrieianum* é que ele parece passar o que é conhecido como 'hybrid vigour' e os 'seedlings' tendem a crescer e florir com bastante rapidez.

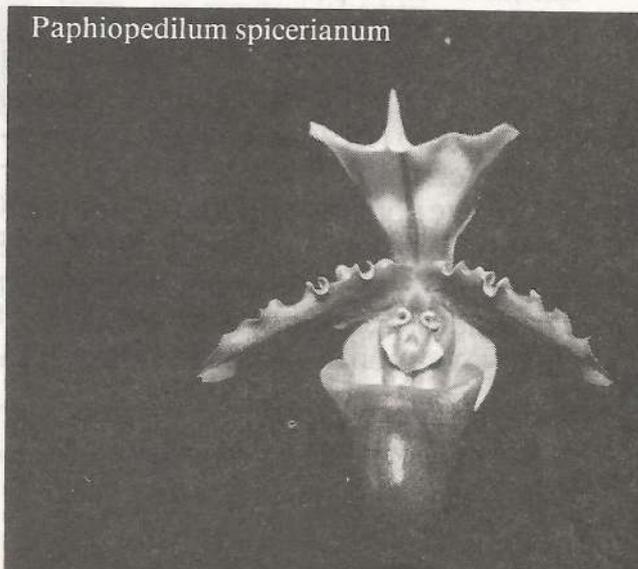
Paphiopedilum spicerianum foi primeiro visto em cultivo em 1878 na coleção do Sr. Spicer. As plantas originais vieram entre um carregamento de *P. insigne*, vindo de Assam, e Sander conseguiu descobrir a origem dessa nova espécie através de um informante na Índia e assim importou um lote de 40.000 plantas em 1884. Era prática comum nesses dias mentir a respeito da origem dessas plantas, mas nem assim Sander conseguiu impedir que outros colecionadores achassem seu habitat natural. Muitas plantas foram coletadas e agora *P. spicerianum*



Paphiopedilum fairrieianum

está em extinção no seu habitat natural. A espécie cresce na região do rio Barak, em Assam, em formações e penhascos de rochas calcárias entre 300 a 1.300m de altitude. A região está sujeita às chuvas de monção e as condições de umidade alta prevalecem durante o resto do ano por causa das névoas que sobem do rio. As plantas crescem em nichos rasos das pedras, preenchidos de húmus, e ficam presas às rochas por suas raízes compridas. As plantas são sombreadas por samambaias e arbustos baixos. A flor desta espécie é bastante distintiva por seu dorsal que é grande, arcado, e tem uma veia central roxo-marrom. A flor mede de 5.5-7cm, de diâmetro, e nasce em uma inflorescência encurvada de até 35cm de comprimento. As pétalas são curtas e marcadamente onduladas nas margens superiores e são amarelo/verdes com uma veia central roxo-marrom. O lábello é lustroso de cor verde-pálido e tem um sopro forte de marrom, com veias marrons mais escuras. Existem poucas variedades desta espécie e uma menção é feita à variedade albina que foi registrada em 1897.

Paphiopedilum spicerianum



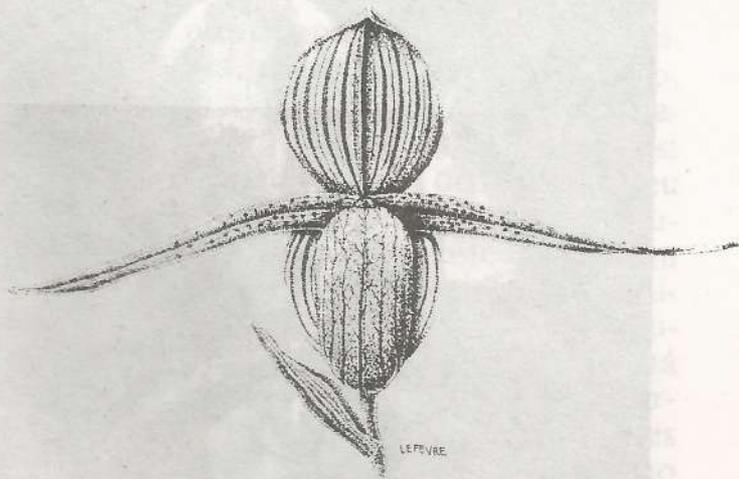
Como com as outras duas espécies já descritas, *P. spicerianum* tem sido instrumental na produção de híbridos muito apreciados atualmente. Foi um dos primeiros *Paphiopediluns* a serem hibridados com sucesso e o híbrido *P. Leeanum* (*P. spicerianum* x *P. insigne*) foi registrado em 1884.

Outras espécies deste grupo que merecem menção incluem: *P. hirsutissimum* com flores que medem até 15cm de largura e com pétalas que são coloridas de um roxo brilhante nas pontas. *P. charlesworthii* que cresce numa restrita área em Burma e que se encontra tão raro em coleções quanto na natureza, sempre fascina entusiastas de *Paphiopedilum* com a beleza de suas flores. O dorsal é grande e sempre de uma coloração rosa-roxo. Recentemente a espécie tem sido usada com bastante êxito em hibridação e os híbridos tendem a manter o colorido bonito do dorsal.

Seção *Coryopedilum*

Esta seção compreende nove espécies entre elas *P. adductum*, *P. glanduliferum*, *P. philippinense*, *P. randsii* e *P. supardii*. As plantas são caracterizadas por folhas compridas e inflorescência multifloral na qual as flores abrem simultaneamente. As flores têm longas pétalas afiladas, frequentemente espiraladas e com verrugas.

Paphiopedilum rothschildianum é provavelmente o mais procurado entre as espécies do gênero. Desde a sua introdução no cultivo em 1887 tem sido o sonho de todo entusiasta de *Paphiopedilum* ter um exemplar dessa



Paphiopedilum rothschildianum

espetacular espécie. Seu habitat natural é extremamente limitado e é achado somente em dois lugares nos declives baixos do monte Kinabalu no nordeste de Bornéu. De fato, a espécie é tão rara na natureza que se concebeu um projeto de, com 'seedlings' criados em laboratório, repovoar essas duas áreas. Felizmente, o habitat natural fica dentro do Parque Kinabalu que oferece alguma proteção contra coviosos colecionadores. A história dessa espécie é muito similar à do *P. fairrieanum* e de novo Sander escondeu a origem da espécie, citando Nova Guiné como origem, na esperança de iludir seus competidores.

A razão disso tudo torna-se óbvia quando se defronta com uma planta florida. As plantas tendem a ser grandes, produzindo folhas de até 60cm de comprimento e a inflorescência de até 50cm de altura carrega de 2 a 5 flores que medem até 30cm de diâmetro. O dorsal é branco-marfim a amarelo com veias marrons, as pétalas, que medem até 12,5cm em comprimento, são de cor similar e têm pêlos próximos às pontas. O labelo é amarelo-ouro tingido fortemente de roxo e apresenta um estaminóide proeminente e coberto de pêlos finos. *P. rothschildianum* tem sido usado em numerosos híbridos primários com excelentes resultados, o mais famoso sem dúvida sendo *P. Saint Swithin* (*P. rothschildianum* x *P. philippinense*). Outro híbrido, *P. Delrosii* (*P. rothschildianum* x *P. delenatii*), foi apresentado na contracapa do nosso primeiro número deste ano e nunca deixa de chamar a atenção graças a suas flores rosa-framboesa. No seu habitat natural essas plantas crescem em penhascos íngremes onde aparentemente se desenvolvem bem, tanto em lugares claros quanto em lugares sombreados. As plantas frequentemente formam touceiras grandes e uma importante consideração no cultivo dessas plantas é o fato de que elas não gostam de ser divididas. A planta precisa ficar grande para poder florescer e já aconteceu de cultivadores terem matado a planta por tê-la dividido em excesso.

P. sanderianum sempre foi raro no cultivo e no seu habitat natural. Descoberta em 1885, essa espécie desapareceu das coleções na virada do sécu-

lo e acreditava-se extinta até sua recente redescoberta. Uma das razões de sua raridade são as condições precárias nas quais cresce. As plantas foram achadas na superfície das rochas de penhascos e são frouxamente presas à cobertura de substrato dessas rochas. Elas recebem pouca luz pela manhã e continuam à sombra pelo resto do dia. A espécie é originária de Bornéu e embora o habitat tenha sido mantido em segredo por muito tempo, isto não impediu a descoberta por colecionados sem escrúpulos. Eles têm sistematicamente arrancado as plantas do seu habitat natural para vendê-las a preços exorbitantes. Recentemente um desses coletores foi preso e está sendo processado.

Como acontece com as outras espécies desse grupo, as plantas tendem a ser grandes com folhas de até 45cm de comprimento. A inflorescência produz de 2 a 5 flores que medem ± 7 cm de diâmetro e até 95cm de comprimento. O dorsal é amarelo e listrado de marrom, as pétalas são branco-marfim e amarelas e pintadas de marrom e são torcidas formando uma longa espiral de até 95cm. A razão para o extraordinário tamanho das pétalas não é clara, tendo sido sugerido que talvez as pétalas sirvam para atrair polinizadores que sobem por elas para chegar ao labelo.

P.sanderianum foi usada em alguns híbridos primários no século passado e agora, com a sua redescoberta, estou certo que muito mais será feito na esperança de transmitir suas interessantes características. Vale a pena notar que uma firma da Califórnia, a Paphanatics, conseguiu polinizar as plantas dessa espécie na coleção do Jardim Botânico de Edinburgo e vários frascos foram semeados.

Com isso vai se poder obter plantas sem a destruição do habitat dessa espécie tão interessante.

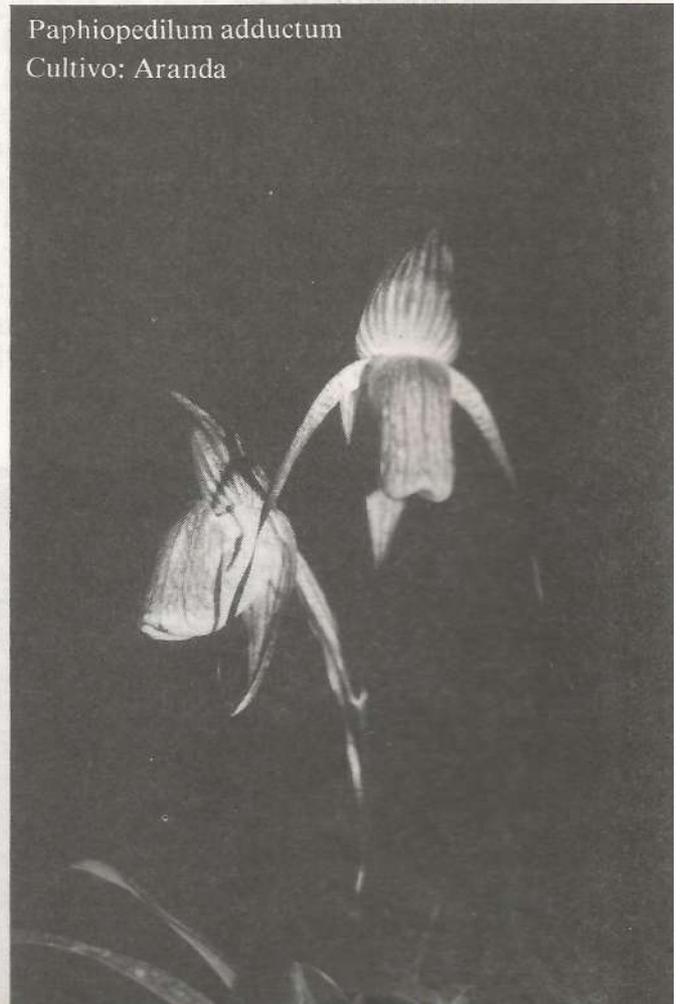
P.kalopakingii foi descoberto em 1983 numa remota área no centro de Bornéu. A planta é a maior deste grupo e alcança mais que um metro de ponta a ponta. A característica importante desta espécie é o número de flores produzidas e já foi registrado o caso de uma planta com 14 flores abertas ao mesmo tempo numa inflorescência de 75cm de altura.

Um parente próximo do *P.kalopakingii* é *P.stonei* que também figura como uma das mais admiráveis espécies do gênero. As flores têm até 12cm de diâmetro e são facilmente identificadas pelo dorsal branco contornado de vermelho-marrom. As pétalas são amarelas pintadas de marrom e o labelo é amarelo-pálido com um sopro de rosa.

P.adductum é também uma descoberta recente tendo sido visto pela primeira vez em cultivo em 1983. Existe alguma confusão quanto à sua classificação e foi erroneamente chamado de *P.elliotianum*, que é, na verdade, um sinônimo de *P.rothschildianum*. Embora *P.adductum* seja aparentado ao *P.rothschildianum* pode ser facilmente diferenciado pelas pétalas mais curtas e uma diferente estrutura do estaminóide.

Conclui-se assim esta breve introdução a algumas das fascinantes espécies do gênero *Paphiopedilum*. A mais interessante característica deste gênero é a grande variedade de espécies, que permite a criação de inumeráveis híbridos sempre quase tão fascinantes quanto as espécies.

Paphiopedilum adductum
Cultivo: Aranda



O Delicado Tema da Adubação ou “A Planta Que Veio do Japonês”

Álvaro Pessôa*



Cattleya intermedia
Cultivo: Álvaro Pessôa

Antes de optar pelo duplo título acima, à moda de Jorge Amado, pensei, também, numa alternativa latina: “de gustibus et coloribus non est disputandum”, para demonstrar meu respeito pelos que não querem adubar, como opção ou gosto. Pertencem à minoria dos que desejam seus cultivo o mais natural possível! Se a natureza não aduba, pensam eles, não há por que adubar plantas em cultivo artificial. Respeito-os. Embora deles discorde, o que, afinal, fica bem, no

grande porre de democracia em que o País se meteu! Quem não quer adubar não adube. Gosto é gosto, cor é cor e isto não se deve discutir, como já lembravam os sábios romanos.

Portanto, se o ilustre leitor pertence a esta categoria, fuja da leitura das idéias deste escriba, feroz defensor da adubação, orgânica ou inorgânica, mas sempre adubação, de suas plantas. Aliás, o segundo título escolhido dá bem a medida do despreparo geral e desconhecimento técnico em relação

* Rua Uruguai 508/102 — Tijuca, Rio de Janeiro, RJ 20.510

aos fatores Nitrogênio, Potássio e Fósforo em nosso cultivo de plantas. De fato, quem não aplica adubação adequada, e compra plantas dos cultivadores japoneses, tem uma ingrata surpresa. A planta vai definhando, definhando, até ficar raquítica, e nunca mais volta ao apogeu do dia da compra. Pudera! Disciplinados, estudiosos, e, sobretudo, bons observadores, os japoneses descobriram que, nas plantas (como nas pessoas) *metade da raça entra pela boca!* Olhem para a altura de seus filhos e sobrinhos, compare-os com a de seus pais e irmãos que você vai entender! Nós e nossos pais comíamos mingau (carboidratos) e pouca carne (proteínas). A nova geração de brasileiros (a que comeu, bem entendido) se alimenta de forma balanceada, com boa concentração em proteínas e cresceu muito mais que a anterior. Está também muito mais sadia e imune a doenças que a geração anterior. A raça é a mesma, o que melhorou foi a alimentação ou a adubação!

De forma que a planta que sai da mão do japonês, é abundantemente alimentada (adubada), quase atingindo o nível de saturação. Estando bem adubada é possante e floresce bem! Quando você a compra, e não a alimenta adequadamente, o processo de decadência se inicia. Ela começa a se alimentar de suas reservas e a emagrecer, passando a um alto estágio de risco por exposição a doenças.

Adubo orgânico ou inorgânico

A dúvida mais freqüente que assalta o cultivador, reside na opção entre adubos orgânicos (estrupe, cinza, farinha de osso, farelo da mamona) ou adubos inorgânicos disponíveis no mercado (Ultrafertil, Paulifertil, Ouro Verde, Hyponex etc.). Nestes últimos, a fórmula vem descrita da seguinte maneira: Nitrogênio 6%; Potássio 6%; Fósforo 6% ou o clássico NPK. Além desses elementos, a fórmula contém a presença, em níveis muito menores, dos outros elementos.

A virtude da utilização dos adubos inorgânicos é, portanto, o conhecimento das quantidades de adubo que se está aplicando. Que são balanceados! Mais (ou menos) fortes, mas ba-

lanceados! Em compensação eles são caros e devem ser utilizados com critério, caso contrário queimam as folhas ou raízes!

Adubos orgânicos são mais baratos de obter, mas, em contrapartida, você nunca saberá, com segurança, quanto de nitrogênio, potássio e fósforo está aplicando em suas plantas. Pior: você pode estar aplicando, caso utilize somente esterco de galinha, ou somente farelo de mamona, altas doses de nitrogênio sem a contrapartida do potássio e do fósforo.

O resultado então é muito curioso! Suas plantas começam a crescer, crescer e crescer com uma incrível vitalidade. Bulbos enormes! Uma beleza! Todavia, quando vem a floração, uma surpresa lhe espera pois a flor fica deformada e flácida. Além disso, comprovadamente, a planta vai perdendo a imunização natural às doenças.

Ora, exatamente como um corredor não pode correr e correr sem parar (porque precisa descansar), uma planta não pode ser alimentada apenas com nitrogênio e crescer sem parar. Mas este é o efeito atingido, se você só usa adubos ricos em nitrogênio.

Um composto bem equilibrado, de largo uso entre os cultivadores, resulta da mistura de farelo de mamona, cinzas e farinha de osso. Um pequeno aglomerado dele, se possível feito em bolas, utilizando-se água como liga, aplicado na borda do vaso, parece fazer milagres. O composto vai-se dissolvendo aos poucos e é paulatinamente absorvido. Deve ser renovado a cada três meses.

Outra alternativa, mais cara e mais trabalhosa, é a utilização de adubos inorgânicos foliares, das marcas antes referidas, cuja aplicação deve ser feita quinzenalmente na primavera e verão e de dois em dois meses no inverno.

A adubação depende do substrato!

O substrato que utilizo é o musgo, substância que é um verdadeiro motor de arranque durante um ano. No meio dele utilizo ainda lascas de *Velozia mineira* (a conhecida Canela de Ema) que é um estupendo acelerador do enraizamento. Cubro tudo isto com pedrisco e não tenho do que me queixar.

Quem utiliza com substrato materiais inertes, carvão, pedrisco ou argila expandida deve, obviamente, adubar com mais frequência e abundância, do que aqueles que utilizam xaxim ou musgo. Aliás, adubos orgânicos deteriorados costumam deteriorar rapidamente também o substrato utilizado.

Elementos de nutrição

Ultrapassados estes comentários iniciais, e caso você seja dos que optaram pela adubação com produtos inorgânicos, vamos ver como cada um deles vai agir em sua planta. Os elementos nutricionais podem ser, a grosso modo, divididos em macronutrientes e micronutrientes e, nestas chaves, podemos incluir os seguintes:

macronutrientes	{	nitrogênio fósforo potássio enxofre cálcio de magnésio
micronutrientes	{	ferro, manganês, bário, cobre, zinco, cobalto

O nitrogênio é extremamente importante quando a planta inicia seu crescimento. É o elemento que a planta mais necessita quando desenvolve ou multiplica seus tecidos. Sua falta ocasiona raquitismo e bulbos fracos decorrente do declínio da síntese de clorofila ocasionando folhas amarelas e sua queda posterior num processo chamado clorose;

O fósforo é fundamental para a respiração e o metabolismo da planta dando os meios para que a energia acumulada em carboidratos (nas folhas e pseudobulbos) possa ser convertida e utilizada em frutos e flores. Sua falta ocasiona uma superconcentração de açúcar devido à má respiração e favorece a formação de pigmentos vermelhos nas folhas (a antocianina, que é, ela própria, um derivado do açúcar!).

O potássio, ao contrário dos dois macroelementos antes referidos, não

tem função claramente definida. Muitos apontam sua função catalítica, isto é, ele deflagra acontecimentos no metabolismo vegetal, sem intervir nele. É o que ocorre, por exemplo, com a síntese das proteínas a partir dos amino-ácidos;

O enxofre é sempre encontrado na atmosfera, e como o nitrogênio é um componente estrutural dos amino-ácidos que se transformam em proteína.

Já o cálcio é um constituinte vital das paredes celulares, sendo decisivo em sua multiplicação e divisão. Sua deficiência estimula a podridão das raízes.

Finalmente, o ferro é indispensável à síntese geral do sistema orgânico vegetal.

Quando em cultivo natural, tanto os macro como os micronutrientes são encontrados no *habitat* e no meio ambiente. Sais minerais diluídos no poderoso solvente que é a água, derivados do apodrecimento de material orgânico no solo ou no topo da árvore hospedeira. Microorganismos invisíveis, açúcares etc. são a fonte principal de adubação. Tudo isso ionizado, orgânico e inorgânico, é então aproveitado.

Dentro da sua estufa ou ripado, é difícil que isto ocorra, caso você não adube! Suas plantas estão longe do meio ambiente natural e elas vão sofrer. Ainda irão sofrer mais, se você utiliza vasos de xaxim, que com o tempo ficam cobertos de musgo verde. *Este musgo absorve todo o nitrogênio existente* e sua planta vai ficando raquítica sem que se imagine o porquê. A saída não é eliminar o musgo (que guarda umidade) e é útil. A saída é alimentar mais o conjunto! Sem deixar sua planta morrer de fome!

Conclusão

A menos que sua paixão pelo natural seja absoluta, procure adubar! Uma planta viva é um fenômeno químico muito complexo. Precisa mais do que o gás carbônico, o oxigênio e o hidrogênio que tira do ar! Adubando convenientemente suas plantas, você só tem (e elas também) a lucrar, devolvendo o alimento em forma de lindas florações.

A C. Enid 'Butterfly' Produzindo Magnificas Semi-Albas

Roberto Agnes(*)
Sandra Odebrecht(**)

Nas discussões sobre orquídeas, no Brasil, estão sempre presentes as lindas espécies que aqui existem. Fora do Brasil, no entanto, poucos têm conhecimento do muito que se tem feito, aqui, em hibridação, especialmente com as *Cattleyas* e gêneros afins.

No seu livro sobre híbridos e hibridadores, o famoso orquidófilo americano Ernest Hetherington fala sobre o trabalho que Rolf Altenburg, da Florália, tem desenvolvido nas últimas décadas, produzindo híbridos de *Cattleyas* e afins. É praticamente, impossível comentar toda linha desses híbridos de *Cattleyas* produzidos por Rolf Altenburg ao longo dos anos, por isso este artigo se limita a híbridos na variedade semi-alba.

No Brasil, *Cattleyas* semi-alba são extremamente populares, tanto para a produção de flores de corte, como para a venda em vasos. Muito trabalho tem sido realizado para o aprimoramento dessas flores e a *C. Enid* tem sido muito usada, culminando com a produção da *Blc. Capitão Pessoa*.

Os pré-requisitos para a produção de semi-albas de boa qualidade são iguais em todas as partes do mundo, flores grandes de boa forma, com pétalas e sépalas brancas e labelo colorido.

É de registrar que, apesar da grande variedade existente no Brasil, as espécies que contribuíram significativamente para a produção de muitos híbridos de *Cattleya*, não são brasileiras, mas colombianas, como *C. warscewiczii* e *C. mossiae*. Em geral essas espécies produzem flores grandes e de boa forma, e o florescimento no verão perto da época do Natal é, comercialmente, uma vantagem adicional.

Um passo importante foi o cruza-

Blc. Capitão Pessoa
Cultivo: Álvaro Pessoa



mento da *C. warscewiczii* com a *C. mossiae* produzindo a *C. Enid*. Este híbrido foi registrado em 1898 por Veitch e mesmo sendo, por muitos, considerado como um híbrido 'velho', a *C. Enid* continua produzindo híbridos de excelente qualidade. Ela foi usada em híbridos como a *Lc. Cynthia* (*C. Enid* x *Lc. Schroderae*) registrado em 1927 por Vacherot & Lecoufle. Tendo isto presente, Rolf Altenburg importou, da firma americana Alberto & Merkel, 50 seedlings da cruzada feita para a produção da *C. Enid*. Um clone especial foi selecionado entre as plantas que floresceram, recebendo nome de *C. Enid 'Butterfly'*. Essa planta possui ótimas características, como menor porte do que as outras e com flores de excelente forma e substância, florescendo mais de uma vez ao ano quando bem cultivada.

Um ponto importante foi notado: a boa qualidade das flores produzidas, o que parece ser um fator que se repete usando-se a *C. Enid*.

Em 1963, *C. Sonia Altenburg* (*C. Enid* x *C. Nerto*) foi registrado pela Florália. Este híbrido tem sido desde então refeito muitas vezes e continua sendo muito popular na produção de semi-albas. O melhor clone, *C. Sonia Altenburg*, 'Florália' foi selecionado em 1979, após uma repetição do cruzamento. Mais uma vez a qualidade das flores foi em geral muito boa.

Blc. Enid Moore é um outro cruzamento (*C. Enid 'Butterfly'* x *Blc. June Moore*) que foi registrado em 1980. A progênie produziu flores grandes de excelente forma e substância e, como no caso da *C. Enid*, as plantas florescem perto do Natal. O clone *C. Enid Moore 'Magnitude'* produz de 2 a 3 flores, por haste, com cer-

(*)Trav. Pepe, 48/201, Botafogo, Rio, RJ — 22.290.

(**)Estrada da Figueira, 592, Caramujo, Niterói, RJ — 24.140.

ca de 19cm de diâmetro. As flores são de branco-neve e o lindo lábello púrpuro escuro com 2 olhos amarelos proporcionam um magnífico contraste. Esta planta cruzada com a *C. Enid 'Butterfly'* produziu a *Blc. Capitão Pessoa*, indubitavelmente a melhor *Cattleya* semi-alba hibridada no Brasil. Este híbrido foi feito originalmente em 1979 e as primeiras plantas floresceram em 1985, época em que foi feito o registro na Inglaterra.

O diagrama, no rodapé desta página, facilita a compreensão das plantas utilizadas.

É de concluir que a *C. warscewiczii* e a *C. mossiae* utilizadas devem ter sido de excepcional qualidade. A *Blc. June Moore* é um híbrido complexo e tem na sua genealogia *C. dowiana*, *C. mossiae*, *C. trianae*, *C. warscewiczii*, *L. purpurata*, *L. tenebrosa* e *Rhyncolaelia (Brassavola) digbyana*.

Os seedlings do cruzamento que deu origem a *Blc. Capitão Pessoa* são todos de ótimo crescimento e cerca de 300 plantas foram mantidas no orquidário para futura seleção na época da floração e o restante foi vendido. Quando as plantas começaram a florir o resultado foi acima das expectativas. Ao todo já foram selecionados 44 clones excepcionais e muitos outros foram classificados como bons. Em geral a qualidade das flores foram muito boas e poucas plantas foram descartadas. As flores possuem em média 17-21cm de diâmetro e a variação de cores no labelo é impressionante. Uma planta produziu flores brancas (albas), as outras foram todas semi-albas. Os labelos variaram do rosa-claro com amarelo, ao fortemente púrpuro e compacto, outros são quase brancos com apenas um risco vermelho. As

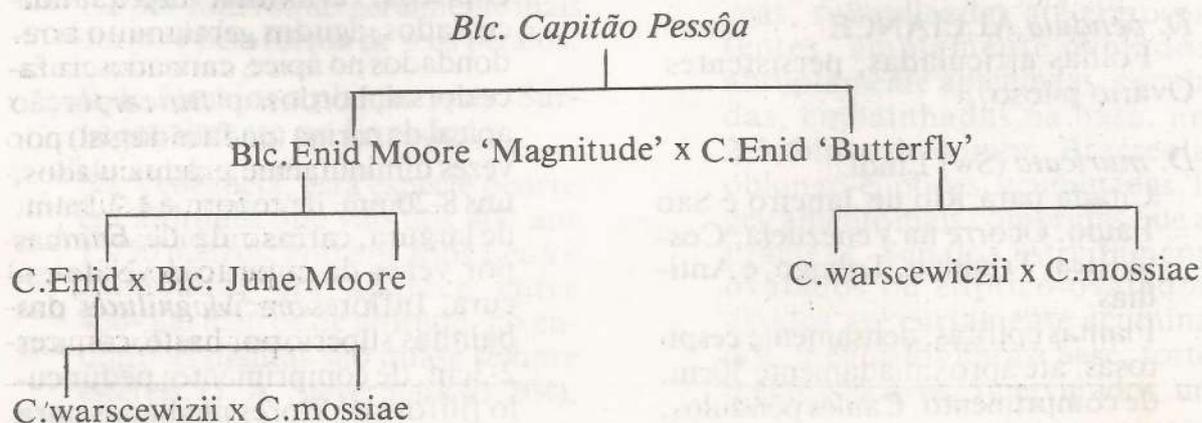
plantas, quando bem cultivadas, chegam a florir 2 vezes ao ano e algumas plantas chegam a produzir 4 flores por haste.

Novas linhas de cruzamentos têm sido adotadas, usando-se a *Laelia anceps* e com grande sucesso. A *Laelia anceps* transmite à sua progênie a haste longa e, sendo também multiflora, é importante para a produção de flores de corte. O híbrido *Lc. Coastal Splendor (Lc. Persepolis 'Splendor' x Laelia anceps)* produzindo nos Estados Unidos pela firma Stewart Orchids é um desses exemplos, com longa haste e 3 a 4 flores semi-albas.

No Brasil resultado semelhante foi obtido com o cruzamento da *C. Enid 'Butterfly' x Laelia anceps*, var. semi-alba. Outros híbridos de semi-albas que ainda não floriram incluem *C. Mother Dominican x Lc. Persepolis 'Splendor'*, ambas de flores grandes, e *C. Enid 'Butterfly' x C. nobilior*, var. semi-alba, que deverá produzir flores de tamanho médio em plantas compactas. Algumas plantas já mostram o botão e estamos ansiosos aguardando as flores que devem abrir no final de setembro. Esperamos que a característica multiflora da *C. nobilior* predomine.

O cruzamento de *C. violacea*, var. semi-alba x *C. Cynthia 'Model'* produziu flores bem interessantes e de boa substância. Muitas tiveram pétalas flameadas, mas a maioria das flores foi de semi-albas com lindo labelo bem escuro.

Com o retorno à popularidade de espécies e cruzamentos primários não é um risco dizermos que a *C. Enid* irá comemorar seu centenário produzindo híbridos de boa qualidade.



Nossas Orquídeas Menores o Gênero *Dichaea* Lindl.

Augusto Fernandes Neves

Dichaea Lindl., Gen. and Sp. Orch. Pl. 208. 1833; *Fernandezia* Ruiz et Pavon, Fl. Peruv. et Chil. (Prodr.) 123. 1794 (p.); *Epithecium* Knowl. et Westc., Fl. Cab. et Mag. Ex. Bot. 2: 167. t. 87. 1838; *Epithecium* Benth. et Hook., Gen. Pl. 3: 529. 1239. 1883. (sphalm); *Dichaeopsis* Pfitz., Naturl. Pflanzenfarm. 2, 6: 207. 1888.

Plantas epífitas ou litófitas, pequenas até bem grandes, pseudobulbos isentos. Caules monopodiais, compridos, eretos até pêndulos, inteiramente revestidos de bainhas foliares. Folhas numerosas, dísticas, alternas, ereto-patentes, patentes até reflexas, articuladas ou não, com suas bainhas, caducas, quando articuladas. Inflorescências unifloras, solitárias nas axilas das bainhas, em geral mais curtas do que as folhas. Flores relativamente pequenas, raramente medianas. Bracteias ovaladas até orbiculares. Segmentos do perianto mais ou menos patentes. Ovário glabro até ericado. Sépalos semelhantes, livres; os laterais oblíquos. Pétalos do mesmo tamanho dos sépalos. Capsulas elipsóideas até obovoideas, glabras.

Este pequeno gênero possui umas 35 espécies, distribuídas desde o México e Índias Ocidentais até o Perú, Bolívia e Brasil. O país melhor representado é a Costa Rica. O Brasil possui 22 espécies conhecidas e confirmadas para o seu território.

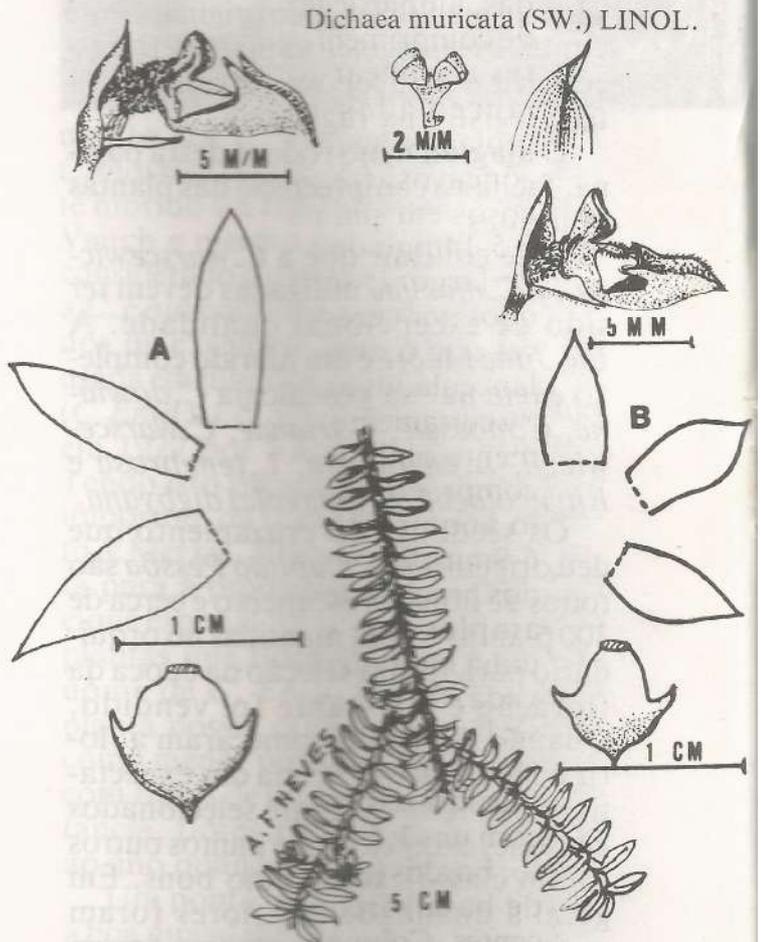
D. pendula ALLIANCE

Folhas articuladas, persistentes. Ovário piloso.

D. muricata (Sw) Lindl.

Citada para Rio de Janeiro e São Paulo. Ocorre na Venezuela, Costa Rica, Trinidad, Tobago, e Antilhas.

Plantas epífitas, densamente cespitosas, até aproximadamente 50cm. de comprimento. Caules pêndulos,



simples ou ramificados, inteiramente revestidos de bainhas foliares. Folhas membranáceo-coriáceas ou membranáceo-subcoriáceas, dísticas, alternas, patentes até ligeiramente reflexas limbos com 5/10mm distanciados entre si, não articulados com as bainhas, oblongo-elípticos até amplamente elípticos, raramente elíptico-lanceolados, agudos, obtusos ou arredondados no ápice, carinados na face dorsal, bordos apicais e a porção apical da carina (na face dorsal) por vezes diminutamente denticulados, uns 8-20mm. de compr. e 3-7,5mm. de largura, carina cuspíde; bainhas por vezes de coloração verde-escura. Inflorescências axilares das bainhas superiores, unifloras, uns 2-3cm. de comprimento; pedúnculo filiforme. Flores medianas para

o gênero; pardo-verdosas, alaranjadas, às vezes purpúreas ou os sépalos e pétalos com manchas purpúreas e labelo purpúreo-azulado ou branco com manchas purpúreas. Ovário pedicelado com uns 3-4mm. de compr. muricado, Brácteas ovalado-suborbiculares, agudas, amplexicaules, uns 2-3,5mm. de comprimento. Bracteolas lineares até linear-oblongas, Sépalos lanceolados até oblongo-lanceolados, agudos até acuminados, côncavos, freqüentemente verrucosos em sua parte exterior, uns 7,5-14mm. de compr. e 2,5-5mm. de largura; sépalos laterais oblíquos por vezes ligeiramente menores que o dorsal; pétalos elíptico lanceolados até oblongos, agudos ou curtamente acuminados, ligeiramente oblíquos, uns 7-12mm. de compr. e 2-4mm de largura. Labelo anquiroides, unguiculado, uns 6-9mm de compr. e entre os ápices dos braços laterais um pouco mais amplos que seu comprimento; unha mais ou menos elíptico-obovada, fortemente contraída na base; lâmina apical dilatada, sagitada, em cada lado com um braço lateral falcado-retorso, algo encurvado, com uns 1,5-3mm. de comprimento; bordos (especialmente na metade basal) freqüentemente pubescentes. Coluna curta, carnosa, uns 2,5-3,5mm. de comprimento.; lígula infrastigmática conspicua, oblonga até linear-oblongo, pilosa. Cápsulas elipsóideas ou elíptico-obovóideas, densamente muricadas, uns 10-8mm. de comprimento e 5-9mm. largura (Fig. segundo Ven. Orch, III. 2: 89. 1961) Muito próxima da *D. pendula* (Aubl.) Cogn., da qual se diferencia por suas folhas geralmente mais curtas e pela forma de seus pétalos.

É de Jamaica a planta typus. Surge igualmente no Equador.

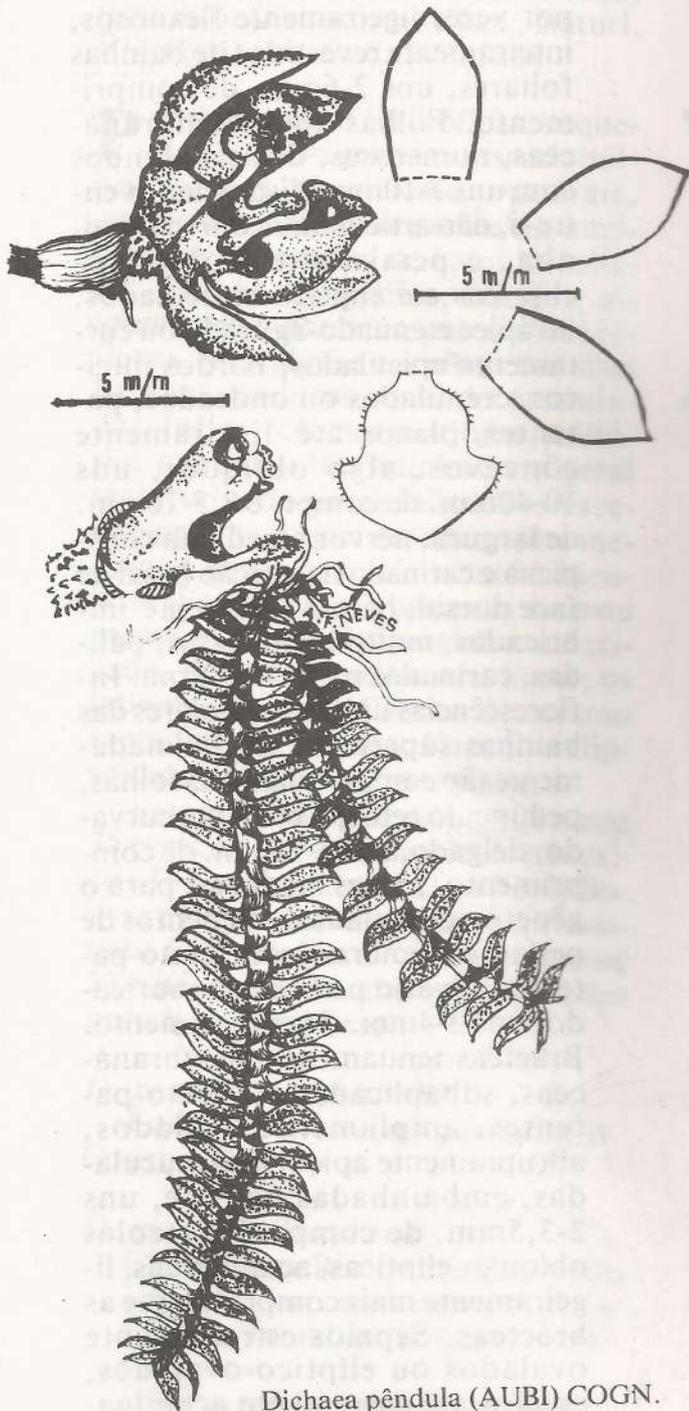
Na Venezuela, esta espécie ocorre em altitudes que vão dos 400 aos 1.750 metros; entre os Rios León e Zumbador ela aparece entre 400-500 metros de altitude, no entanto as plantas são quase sempre estéreis. (J. A. Steyermark 61.204).

D. pendula (Aubl.) Cogn.

Esta espécie é citada para os Estados do Rio Grande do Sul, S. Catarina, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas e território de Roraima. Ocorre ainda nas Guianas, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, Panamá, e Índias Ocidentais. É da antiga Guiana Francesa a planta (tipo) *Limodorum pendulum* Aubl., Pl. Guiana Fran, 2: 819. t. 322. 1775.

Orquidaceas epífitas, relativamente grandes. Caules pêndulos simples ou ramificados, compridos, por vezes ligeiramente flexuosos, inteiramente revestidos de bainhas foliares, uns 2-6mm. de comprimento. Folhas algo membranáceas, numerosas, dísticas; limbos com uns 7-10mm. distanciados entre si, não articulados com suas bainhas e persistentes, oblongo-elípticos até elíptico-lanceolados, no ápice etenuado-aguçado ou curtamente apiculados, bordos inteiros, crenulados ou ondeados, patentes, planos até ligeiramente côncavos, algo oblíquos, uns 10-40mm. de compr. e 3,5-10mm. de largura, nervura mediana conspicua e carinado na porção basal de face dorsal; baixas laxamente imbricadas, muito compressas, pálidas, carinadas na face externa. Inflorescências unifloras, axilares das bainhas superiores, aproximadamente tão compr. quanto as folhas, pedúnculo reto até bastante curvado, delgado, uns 5-15mm. de comprimento. Flores medianas para o gênero, amareladas, segmentos de perianto membranáceos, ereto-patentes. Ovário pedicelado muricado, uns 3-4mm. de comprimento. Brácteas tenuamente membranáceas, subaplicadas até ereto-patentes, amplamente ovalados, abruptamente apiculadas, cuculadas, embainhadas na base, uns 2-3,5mm. de compr. Bracteolas oblongo-elípticas, acuminadas, ligeiramente mais compridas que as brácteas. Sépalos estreitamente ovalados ou elíptico-ovalados, agudos até curtamente acuminados, atenuados para a base, fortemente côncavos, 5-nervurados, uns

6-12 mm. de compr. e 3,5-5mm. de largura, de face verrucosa em algumas vezes, sépalos laterais algo oblíquos. Pétalas elípticos até estreitamente ovalados, ligeiramente oblíquos, subagudos ou agudos, atenuados para a base, algo côncavos, tenuemente $5 \pm$ nervados, algo menores e em geral mais estreitos que os sépalos. Labelo carnoso, ereto, anquiróide, largamente cuneado ou obovado, bastante cô-



Dichaea pendula (AUBL) COGN.

cavo, uns 5-9mm. de comprimento e, quando aplanado entre os ápices dos braços laterais, tão largo ou até ligeiramente mais largo que sua longitude; unha obovada até largamente cuneiforme.; limbo (incluindo a unha e sem tomar em conta os lobos ou braços laterais) amplamente rômbico até obovado, curtamente apiculado, lateralmente sagitado por vezes pubescente na porção apical lobos laterais estreitamente triangular-falcados até linear-falcados, por vezes pouco desenvolvidos, até aproximadamente 3mm. de compr., agudos até compridamente acuminados. Coluna um tanto subglobosa, muito contraída na base, de uns 3,5mm. de compr.; lígula infrastigmática alargada ou comprida, linguiforme ou algo espatulada, pubescente. Cápsulas ovóideo-subglobosas, ligeiramente oblíquas, uns 10-15mm. de compr. e 7-10mm. de largura, coroadas com um perianto persistente. As altitudes de ocorrências são bastantes diferenciadas. Esta *Dichaea* aparece em baixa altitude junto ao litoral e atinge igualmente altitudes bem maiores (Roraima, 2.100-2.255m. — J. A. Steyermark 58.728); Ptaritepui, 2.100-2.285m. — J. A. Steyermark 59.555), esta última em território venezuelano.

D. pendula (Aubl.) Cogn. var. *swartzii* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. Harv. Univ. 17: 62. 1955; *Epidendrum echinocarpon* Sw Prodr. Veg. Ind. Occ. 124. 1788; *Cymbidium echinocarpon* (Sw) Sw., Nov. Act. Soc. Ups. 6: 71. 1799; *Dichaea echinocarpa* Lindl. (senso Fawc. et Rendle), Fl. Jam. 1: 136. t. 30, figs 26-30. 1910.

Esta variedade se diferencia de *D. pendula* (Aubl.) Cogn. var. *pendula*, por ter labelo inteiro, não anquiróide.

É nativa das Índias Ocidentais (Jamaica — tipo), Costa Rica, Colômbia e Venezuela.

D. splittbergerii Rchb. f.

Não temos a descrição desta espécie. Segundo Pabst, há possibilidade de ser encontrada na Amazônia. Ocorre no Suriname.

(Continua no próximo número)

Espécies Interessantes

Roberto Agnes

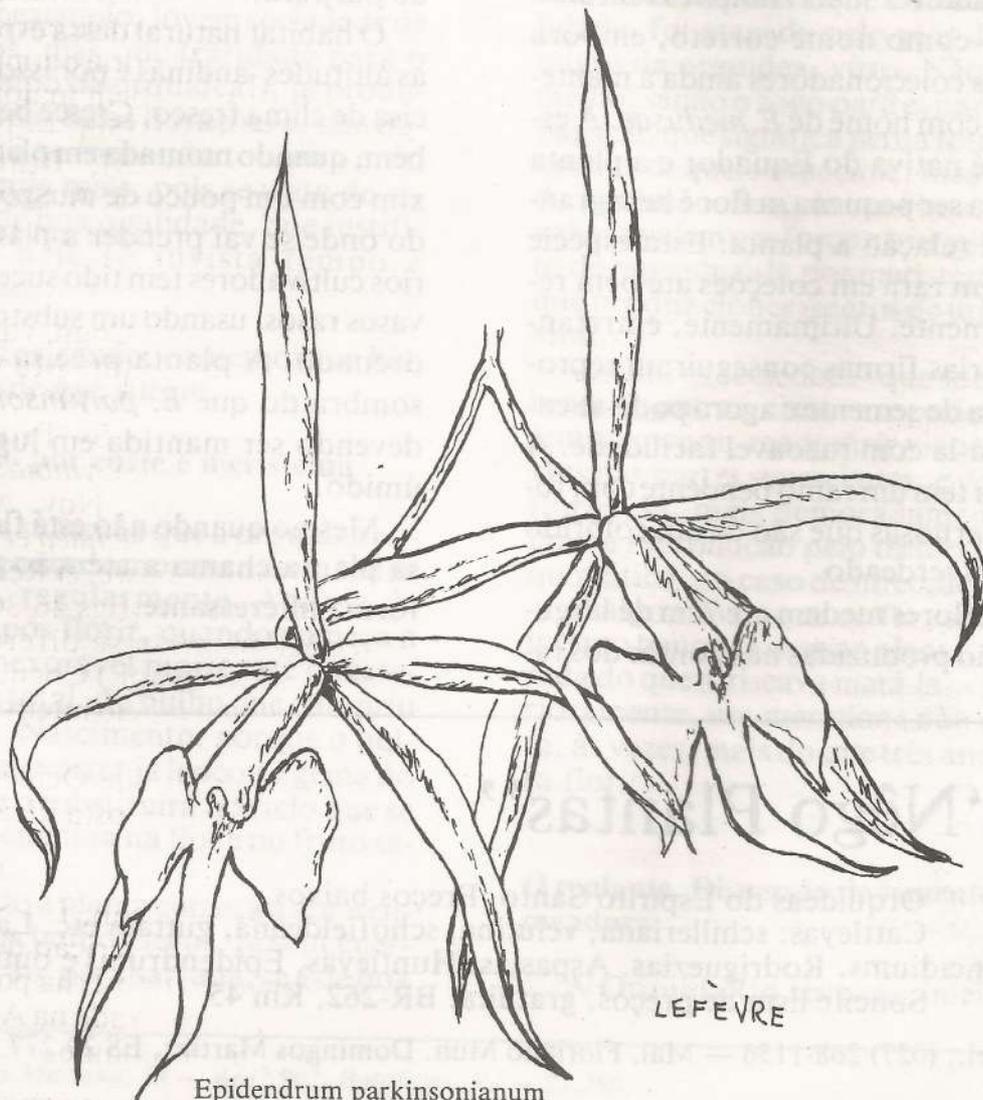
Dentro do fascinante gênero *Epidendrum*, duas espécies têm o hábito de crescimento pendente, *E.parkinsonianum* e *E.medusae*, recentemente reclassificada como *Nanodes medusae*.

Epidendrum parkinsonianum tem o seu habitat natural na Costa Rica e Panamá e é facilmente reconhecido pela forma com pseudobulbos curtos e folhas carnosas de até 2m de comprimento. Os pseudobulbos crescem para cima com as longas folhas voltadas para baixo. Cada bulbo produz de uma a três flores de ± 10 cm de cor branca, com longas e estreitas pétalas

que se tornam amarelo dourado quando a flor envelhece. O inconfundível lábello trilobado se parece com uma gravata borboleta na forma e é de um branco puro.

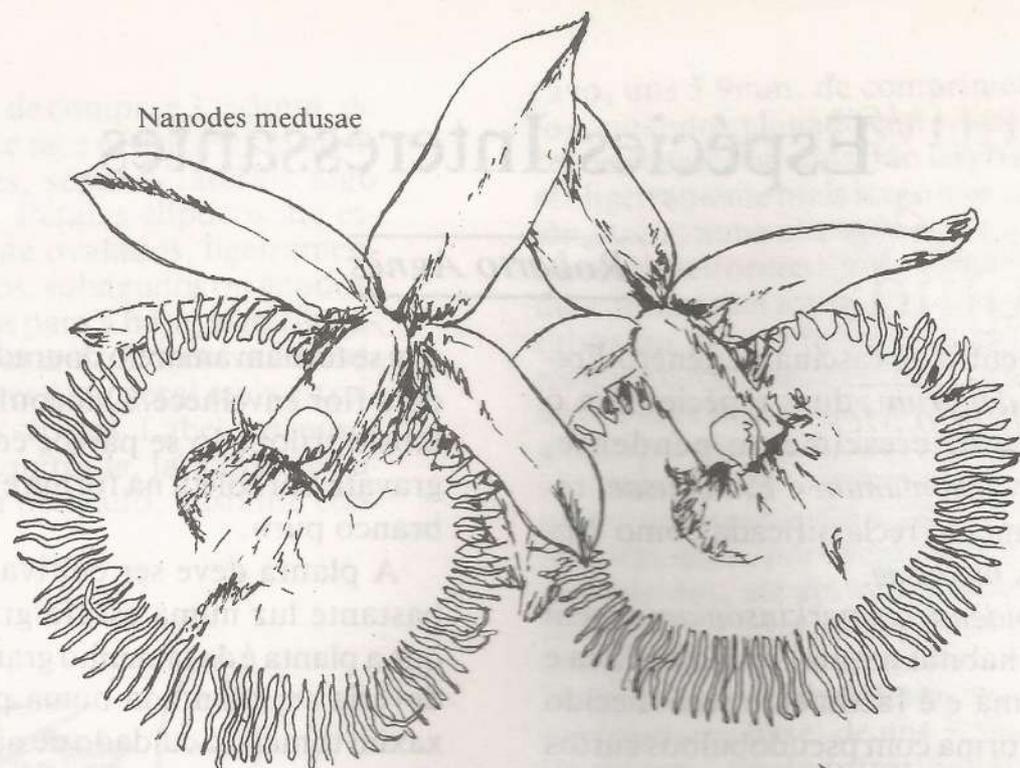
A planta deve ser cultivada com bastante luz numa estufa grande já que a planta é de tamanho grande. Ela deveria ser montada numa placa de xaxim tomando cuidado de não mantê-la muito molhada.

Existe uma variedade menor, *E.parkinsonianum*, var. *falcatum* que tem pseudobulbos finos e pendentes com flores menores de coloração verde e púrpura.



Epidendrum parkinsonianum

Nanodes medusae



LEFÈVRE

Nanodes medusae

Ainda existe muita confusão sobre a denominação correta desta espécie, mas cada vez mais *Nanodes* tem sido usado como nome correto, embora muitos colecionadores ainda a mantenham com nome de *E. medusae*. A espécie é nativa do Equador e a planta tende a ser pequena, a flor é bem grande em relação a planta. Esta espécie era bem rara em coleções até bem recentemente. Ultimamente, entretanto, varias firmas conseguiram reproduzi-la de semente e agora pode-se encontrá-la com razoavel facilidade. A planta tem um ramo pendente com folhas carnosas que são de um colorido azul-esverdeado.

As flores medem até 7cm de largura e são produzidas nas pontas dos ra-

mos. As pétalas e sépalas são amarelo-esverdeado fortemente tingidas de vermelho amarronzado e o grande lábulo franjado é vermelho sombreado de púrpura.

O habitat natural dessa espécie são as altitudes andinas e por isso ela precisa de clima fresco. Cresce bem, também, quando montada em placa de xaxim com um pouco de musgo colocado onde se vai prender a planta. Vários cultivadores tem tido sucesso com vasos rasos, usando um substrato bem drenado. A planta precisa de mais sombra do que *E. parkinsonianum*, devendo ser mantida em lugar mais úmido.

Mesmo quando não está florida essa planta chama a atenção pela sua forma interessante.

“Nêgo Plantas”

Orquídeas do Espírito Santo. Preços baixos.

Cattleyas: schilleriana, velutina, schofieldeana, guttata etc. Laelias. Oncidiums. Rodriguezias. Aspasias. Huntleyas. Epidendrums e outras.

Solicite lista de preços, gratuita. BR-262, Km 45

Tel.: (027) 268-1156 — Mal. Floriano Mun. Domingos Martins, ES 29.277

Cultivando a OrquidaRio

*Raimundo Mesquita**

Não terei sido o primeiro a encontrar semelhanças entre o cultivo de orquídeas e participar, ajudar a crescer, manter e desenvolver uma sociedade de orquidófilos, a OrquidaRio, por exemplo, jovem sociedade de três anos, mas que (raridade para o lento tempo da orquídea!), já produziu algumas belas florações e, sem dúvida, está se tornando touceira e vai florir ainda mais, pois se trata de espécime de boa qualidade, que justifica que nele se invista tempo e dedicação.

Metaforizando, contemos sua história, desde que surgiu.

A divisão por corte e meristema

Todos sabemos que a orquídea entra em agonia de morte e nasce, todos os anos, regularmente. Agonia de morte, após florir, quando começa a lenta e inexorável morte, até o ressecamento total, do bulbo que cumpriu seu ciclo. Nascimento, porque o bulbo que vai morrer já lançou a gema do novo que o substituirá no ciclo que se renova e culmina na flor e no fruto sementeiro.

Quando a planta começa a apresentar muitos bulbos secos, já sem energia e função, para salvá-la, se é de boa

Maquete da sede em construção
Foto: Ana Lúcia Messias



qualidade, não há remédio, é cortar no rizoma, dividir para ter uma planta sadia e vigorosa...

Outras vezes e convivendo com o ciclo vital, a planta que é de boa qualidade, foi atacada pelo pior dos inimigos da orquídea, vírus. Não há remédio, senão o fogo para evitar a propagação que significa perda total, não apenas daquele espécime, mas de toda a coleção. Se a planta é boa, rara e valiosa valem o esforço e o investimento de reproduzi-la por meristemagem que produz clones isentos de infecção viral.

Assim, as sociedades que se desdobram de outras, crescem e podem, em tempo menor, readquirir vigor, já livres das partes senescentes, e voltar a florir, ou, mais demoradamente, se houve reprodução pelo tecido parenquimático, no caso de infecção viral.

É algo novo, que se faz, mas, ao mesmo tempo, a mesma planta, depurada do que arriscava matá-la... E, curiosamente, um mericlone não precisa, às vezes, mais do que três anos para florir...

O replante. Dispersão de sementes, sementeira

A OrquidaRio teve, no início, 32

* Rua Dona Mariana, 73 — Apt.º 902, Botafogo, RJ — 22.280.

bulbos, isto é, fundadores, todos de boa qualidade que floriram a um só tempo, na sua primeira e mais bela exposição, a primeira que realizou no Rio de Janeiro, no Rio Design Center, em setembro de 1987. Foi um desses raros momentos em que todos os sócios tinham, plantas de boa qualidade, florindo. Não aconteceu nenhum desses fenômenos estranhos a que o nosso Presidente, ALVARO PESSOA, chama de "a implicância natural das coisas" (ver, na revista *OrquidárioRio*, o n.º 1, do Vol.1) e onde o medievo via o exercício de pequenos diabos, aprendendo as artes de apouquentar-nos, para que praguejássemos e, assim, fosse homenageado o seu principal...

Ali, naquela exposição, houve a polinização, por autofecundação. A *OrquidárioRio*, que já tinha o seu Estatuto e criara duas outras categorias de sócios, a de Contribuinte, para aqueles que, morando no Rio de Janeiro e se interessando por orquídeas, quisessem se associar, e a de Correspondente, os residentes fora do Rio de Janeiro e que, também interessados em orquídeas pudessem ser alcançados pela dispersão das sementes, melhor dizendo, pela revista *Orquidário*, fundada, logo no início da sociedade e conduzida, com altíssima qualidade e bom-gosto por FRANCISCO MIRANDA, que a fez, quase artesanalmente, por quase 3 anos, até que teve de se lembrar de sua vida e compromissos pessoais, mas o fruto, com boas sementes já havia crescido e amadurecia.

Mas não foi, apenas, pela sementeira da 1.ª exposição ou da remessa da revista que cresceu o quadro social. Também pelo desenvolvimento, em novo bulbo, quer dizer, novo sócio, das gemas que tinha cada um dos 32 bulbos-fundadores da nova planta. O orquidófilo, sabidamente, é um fanático e, como em toda sociedade iniciática, sempre conhece um outro que o é, ou que ele tenta forçar a ser. Assim, foram surgindo novos sócios, alguns ficaram e ajudaram sociedade a se desenvolver, outros, poucos felizmente, foram atacados pelo fungo da podridão parda do desinteresse e escureceram, esses não florirão!...

O fato, porém, é um, a nossa jovem

planta, a *OrquidárioRio* já é uma touceira de mais de 300 sócios, muitos, uma boa parcela, a maior, que vicejam a florescem fora do Rio de Janeiro, espalhados pelo Brasil e já no exterior, que, com, regularidade recebem a fertilização, assim como os cuidados contra a praga do desinteresse e as doenças do desânimo e do isolamento, através da revista e da Mala Direta, recado periódico, com conselhos, dicas e notícias. Não por coincidência, a revista tem a periodicidade das estações do ano, tão importantes para a planta, e a Mala Direta é mais amiguada, como devem ser os cuidados permanentes da rotina do cultivo.

É bem conhecido o fenômeno da formação de colônias de orquídeas por efeito da ação do vento, que carrega as sementes para bem longe de onde produzidas, até caírem em lugares propícios à sua germinação. Assim fez a *OrquidárioRio*. Disseminou a Revista, usou listas de Mala Direta de orquidários comerciais e encontrou habitats especiais em quase todas as regiões do País e, hoje, também no exterior. Quanto alento nos vem para prosseguir quando recebemos as cartas, amigas, de sócios como o Joel da Silveira, de Araraquara, que nos diz, em correspondência de 29/03/89: "Não desanimem em relação à sua meta. O caminho é áspero, mas vocês já estão colhendo os primeiros frutos". Ou quando se recebe de sócios recém-admitidos, com o Pe. Cícero Marcelino de Melo, que, lá de Imperatriz, no Maranhão, manda-nos dizer, no dia 4 de abril, das suas dificuldades pela distância em que vive (não esqueça, porém, Padre, que aí perto de você existem belas espécies nativas) e nos indica que assuntos lhe interessam, ou, ainda, de Carlos Ivan de M. Guedes, de Miracema, que, ao nos mandar sua proposta, vai logo nos dizendo que, breve, vai querer saber um pouco sobre fertilização, um assunto que, por certo, irá desafiar Francisco Miranda, Alexis Sauer, Alvaro Pessoa, Roberto Agnes, ou outro dos grandes especialistas no assunto, a nos brindar com um artigo especial.

As colônias, resultado da dispersão, se estendem. E mais sementes estão sendo lançadas ao vento, de qualidade melhor.

Os vasos de plantio, manutenção das raízes e outros cuidados.

Uma planta recém-cortada está frágil e necessita de cuidados para não morrer. Todos sabemos como é fácil matar uma orquídea nessas condições. Sabemos até demais, porque todo orquidófilo, nos seus começos, foi, na verdade, um orquidicida — esta é regra sem exceção. Assim, há uma série de cautelas a tomar. Quando se divide ou replanta, não deve a planta receber a mesma intensidade de luz e temperatura de que gosta. Tem que ser cortada e retirada do vaso velho na época certa, aquela em que está pronta para lançar novo bulbo e novas raízes. As raízes velhas, secas ou apodrecidas devem ser cortadas, deixando-se algumas, as ainda boas, que mostram, pela sua cor e aparência, serem ainda capazes de desempenhar as funções de fixar e, também, de alimentar a planta, regenerando-se. O vaso, também, tem muita importância, o tamanho tem que ser certo e adequado para orquídea, com boa drenagem e quanto mais aberto, poroso e furado, melhor. Não pode ser muito fundo, nem muito grande, não muito maior que a planta, uns poucos centímetros a mais, além dos bulbos de frente. A planta nele instalada tem que ficar firme para poder lançar, em paz, novas raízes. É a hora dos tutores, das varinhas, dos araminhos, dos ganchinhos, dos macetes, em suma.

A planta levou um choque, as raízes sobretudo. Precisa de sombra, tranquilidade, boa ventilação e repousar em lugar, de preferência, não muito alto, sem excessos de temperatura. Há, até mesmo, quem previna o choque das raízes com vitamina B, a energia que revigora as velhas e acelera o surgimento das novas raízes, a vitamina que deu, às raízes da *OrquidaRio*, o entusiasmo, a energia de Alexis Sauer, Osmar Judice, Cristina Miranda, Ivana Zubic, entre outros, todos fundadores e eméritos cultivadores, para só citar alguns.

A tranquilidade foi assegurada pelo então presidente, Edward Kilpatrick, preciso, firme e calmo, o oposto do que se espera de um descendente

de da Escócia ou da Irlanda, decerto uma mutação genética... O vaso inicial e o lugar foram assegurados por Luis Clemente Ferreira de Souza, na sua chácara nos altos de rua de encosta de morro, um dos paraísos que o Rio ainda reserva. Para a *OrquidaRio*, não podia ser de melhor augúrio o nome da rua: Mundo Novo.

O vaso, contudo, precisa ser trocado, de quando em quando, como é bem sabido. Assim, foi a *OrquidaRio*, por artes de Carlos Eduardo Brito Pereira (cavalheiresco cultivador de magníficos *oncidiums*, para sua nova sede, à Rua Sorocaba n.º 122, no bairro de Botafogo, Rio, de onde só sairá para um novo vaso, este definitivo, a sua sede própria, em terreno que o Estado, reconhecendo a seriedade dos propósitos da Associação, lhe cedeu, no Horto Florestal da Chacrinha, em plena Copacabana, que já começou a nascer, a partir de um desenho de Manoel Martins, grande arquiteto e orquidófilo por contaminação da sua mulher Ivana Zubic (assim como Cecília, pelo Alvaro Pessoa, Sandra, pelo Hans Frank, Helena Eyer pelo Yvan Lassance, entre outros que estenderam às orquídeas o regime de casamento).

Não demorará, pois, a nossa planta de estar no seu novo vaso, onde se prevê venha a poder atingir todas suas finalidades de pesquisa, divulgação e estudo, com laboratório e biblioteca, cursos e conferências, para o que estaremos dotados de um auditório equipado e, por último, o que não poderia deixar de ser, uma estufa, com, sobretudo, espécies brasileiras e exposição permanente de plantas floridas e que servirá, também, para as aulas práticas de cultivo.

Por tudo isso, vela o entusiasmo juvenil de Waldemar Scheliga, que tem sacrificado um bom par de horas, que dedicaria às suas plantas e afazeres pessoais, para levar a bom termo o encargo de que assumiu, de presidir a Comissão de Construção da Sede.

Rega e fertilização. Combate de pragas e doenças.

A planta viceja bem, tem florido duas vezes por ano, pelo menos, nas exposições anuais que, regularmente,

temos feito, desde a fundação. Teve as suas crises, todas superadas e para que tem contribuído o entusiasmo, o ânimo do nosso Diretor Social, Hans O.J. Frank, incansável animador das reuniões e dos eventos comemorativos da *OrquidaRio*. São como o nitrogênio que a planta necessita para crescer.

Aplicados, com ciência, parcimônia e regularidade, os fertilizantes, como os modos de rega, que não pode ser excessiva para não afogar, nem de menos para que não sequem bulbos e raízes, garantem a vida e o bom estado geral de cultivo. Conseqüência disso e do permanente cuidado com pragas e doenças, é termos garantido um bom espécime, com perspectiva segura de boa floração.

Dois são as reuniões que, mensalmente, se promovem, uma, como já dito, Social, de bate-papo informal, em torno de uma mesa de comidinhas ligeiras organizada pela indomável Helena Eyer, Diretora de Exposições e de Excursões, que cultiva uns bombons de chocolate, de tão boa qualidade quanto as exposições e excursões que promove, ou as *purpuratas* que cultiva junto com Yvan Lassance. Mas não é só para comer e conversar que os sócios se reúnem, na Social, que acontece, sempre na quarta quinta-feira de cada mês. Ali se trocam idéias e descobertas, consulta-se sobre os problemas de cultivo, busca-se identificar a planta que não se sabe qual é, ou cuja etiqueta se perdeu, ou se apagou por artes dessas tintas ditas indeleveis... Sorteiam-se plantas, que "costumam" sair para os novos sócios, outras, de boa qualidade, trazidas por sócios de maior coleção, são leiloadas para aumentar os fundos da *OrquidaRio*. Está presente, também, o nosso Bibliotecário, José Maria Penido, com a, literalmente, ambulante biblioteca, como está, também, o Carlos A. Gouveia, provavelmente com uma nova idéia, tirada do seu computador, que pode ser um programa de gerenciamento de coleções de orquídeas, ou bela e chamativa proposta, convocando para ser dos nossos quem gosta de orquídeas. Tudo isto é muito importante porque a *OrquidaRio* não aceitou ser uma confraria de iniciados, igreja, uma sociedade secreta, mas, acreditando no que é, quer

abrir-se cada vez mais e crescer, porque o cultivo de orquídeas é coisa séria. E, aí, entra o Roberto Agnes, duro juiz que julga as plantas que vieram ornar as reuniões e se submeter ao concurso interno e permanente, nosso campeonato anual. Plantas sujas e mal cultivadas ouvem os reparos desse italiano que parece ter nascido entre *cymbidiums*, *phalaenopsis* e *vandas*, um dos grandes responsáveis pela alta qualidade dos concursos internos e das exposições da *OrquidaRio*.

Mas, os outros elementos nutricionais, macro e micro, também são fundamentais. As Reuniões Técnicas, a cada segunda quinta-feira do mês, objetivam suprir os sócios de conhecimentos científicos e técnicos. Geralmente, uma palestra proferida por especialista e, mais das vezes, amenizada por projeções. Há de tudo, segundo um calendário anual que objetiva preencher um aspecto, identificado como mais importante para a informação dos sócios. Ali se pode ver "monstros sagrados" da orquidofilia nacional e internacional, falando das suas pesquisas, experiências e práticas. Pode-se assistir Francisco Miranda falando de *Laelias* rupícolas, objeto de sua tese de botânica, como dos *Catasetums*, mas, também, com grande simplicidade, ensinando as práticas de plantar e reenvasar, como se pode aprender a, sem mistérios, semear in vitro, com Alexis Sauer; pode ouvir-se e ver Maurício Verboonen, do Orquidário Binot, ou Sandra Odebrecht Nissa, juíza internacional, falarem das práticas do cultivo em grande escala e das hibridações intensivas do patriarca Rolf Altenburg. Waldir Endzfeld, falando de sua experiência com os habitats de espécies brasileiras, Sérgio Oliveira, da CAOB, mostrar seus profundos conhecimentos das *Cattleyas* colombianas e andinas, Alvaro Pessoa a disseminar conhecimento e amor por *Sophronitis*, como Roberto Agnes a orientar sobre como se deve examinar e julgar uma orquídea, a informar sobre as últimas tendências, internacionais, de cultivo.

Enfim, o nosso espécime vai bem. Mão não prescinde de cuidados e por isso é que nós, seus cultivadores, dizemos: Se você gosta de orquídeas, é um dos nossos. Junte-se a nós.

A Sementeira dos Sócios

Abre-se, aqui, uma nova seção, que já fazia falta na revista. Este é o espaço, especial, dos sócios, para suas sugestões, críticas, comentários e observações. Ao lado da seção *Uma Resposta Para Todos*, que atende consultas técnicas e sobre cultivo, esta pretende estimular a participação dos sócios no seu relacionamento com a OrquidaRio, com os outros sócios e com os autores de trabalhos publicados, em suma, o debate.

O artigo de Raimundo Mesquita, publicado neste número, teve, entre outros, o propósito de ser uma espécie de apresentação desta Seção, que já começa bem, com algumas manifestações de sócios, na oportunidade que lhes oferecemos de responderem a uma pesquisa sob forma de questionário. As respostas nos trouxeram um bom manancial de opiniões, como as que se lerão a seguir.

O Editor

Sobre a Revista, as Reuniões e a Sede.

Sugeriria que os eventos da Associação, sobretudo as Reuniões, não fossem em meio de semana, o ideal seria sexta ou sábado, de preferência.

Que a revista tivesse mais fotos de flores, coloridas e que a Associação adquirisse um sítio ou assemelhado.

Ronaldo Tadeu Manhães de Azevedo
Trav. Rafael d'Anuncio Damiano,
271 — Campos, RJ — CEP 28.015

A OrquidaRio já fez eventos, em fins de semana, todas as suas exposições. Realizar reuniões, técnicas e mesmo, sociais, em fins de semana arriscaria contarmos com pequeno comparecimento, pois os sócios que moram no Rio aproveitam para cuidar dos seus orquidários e coleções. Aqui e ali realizamos excursões promovidas pelas Diretorias Social e de Exposições e Excursões.

Sobre a sede, neste número há uma ampla notícia e sobre cores na revista, já começamos. É questão de tempo e pecúnia...

OrquidaRio

A OrquidaRio deve fazer tudo para crescer. Julgamentos.

A OrquidaRio poderia fazer algo que pudesse atrair futuros orquidófilos, para crescer sempre mais.

Acho que as diretrizes de julgamento devessem, talvez, merecer uma reformulação. Tenho visto gente descontente com o resultado de julgamentos, que, por vezes, podem ter sido injustos...

Rosina Becker do Valle
SF-28

Temos feito tudo para crescer e os resultados têm aparecido. Em 3 anos, passou a OrquidaRio dos 32 sócios fundadores para os mais de 400 de hoje. Também temos procurado formar orquidicultores, através de cursos de iniciação e outros eventos.

Nossa meta, para 1990, é atingir o primeiro milhar, em os sócios nos ajudando...

Sobre os julgamentos devemos dizer que seguimos regras internacionalmente aceitas. Temos feito cursos de treinamento de novos avaliadores e juizes e a revista publicou uma série de trabalhos sobre o assunto. Agora, a falibilidade humana leva, às vezes, a equívocos, como, também, ao desconsolo quando a melhor planta, a premiada, não foi a nossa...

OrquidaRio

A revista é muito voltada ao Sudeste-Sul

Toda a dialética dos artigos refere-se apenas à região Sudeste-Sul. Menciona-se “Inverno”, “Primavera”, etc. e o clima do Centro-Sul apenas.

Congraçamento total. Inter-relacionamento maior com todas as congêneres de outros Estados.

*José Pompeu de Souza Brasil Jr.
Av. do Imperador, 543
Fortaleza, CE — CEP 60.015*

Tratarmos das regiões Sudeste e Sul não resulta de qualquer preconceito, mas simplesmente pela fatalidade geográfica da nossa localização... Também, pela coincidência de residirem e

ser dessas regiões a experiência dos nossos colaboradores.

Mas estamos ávidos de outros trabalhos e outras experiências. Por que os ativos “labiateiros” do Nordeste não nos mandam o resultado de suas experiências? Mandem-nos artigos, você, especialmente, Pompeu.

Se o congraçamento não é maior, não nos cabe a culpa, pois desejamos e temos procurado a sadia permuta de informações, experiências e trabalhos. Disseminamos a nossa revista e se foram ótimos os resultados pela filiação de sócios de quase todo o Brasil, o mesmo não tem acontecido com as associações, sendo ainda poucas as que conosco permutam, apesar do nosso empenho.

OrquidaRio

Pelas Livrarias

“A rainha do Nordeste Brasileiro”.
“*Cattleya labiata*, Lindl.”

João Paulo de Souza Fontes

Ed. Europa. 154 págs.

Depois de longo período, a bibliografia brasileira sobre orquídeas vem, ultimamente, se enriquecendo de obras valiosas. Aí estão os exemplos da Exped, que tem dedicado ao tema, boa parte da sua programação editorial. Ou a Ed. Nobel com as sucessivas reedições do clássico livrinho de Waldemar Silva.

Acabamos de ser brindados com uma obra de arte, em todos os senti-

dos, o precioso álbum publicado pela editora Europa, de autoria de nada mais, nada menos do que João Paulo de Souza Fontes, que pelas fotografias, pelo aparato gráfico, pelos seus comentários comovidos, desvela, para nós, o melhor da sua coleção.

Dizia André Malraux ao introduzir a sua magnífica série sobre artes plásticas: “As vozes do silêncio” e “O Museu Imaginário”, da pintura e da escultura, que a fotografia e a tipografia, tinham permitido a disseminação da beleza e ampliado o museu ao infinito. Mas, também, que a obra de arte, graficamente, reproduzida, era outra obra de arte, não mais a mesma.

Algo assim é o que nos deu João Paulo.

EDITORA QUINTA COR

Produzindo livros de arte com a busca da beleza e qualidade das orquídeas

Rua 1º de Março, 141 — 2º andar — Rio, RJ

ORQUÍDEAS

Peter Black descreve a história do cultivo de orquídeas desde as suas origens nas antigas culturas chinesa, japonesa e grega, passando pelo advento da hibridação em meados do século XIX até o revolucionário desenvolvimento dos métodos de cultura assimbiótica e propagação meristemática do século XX.

Ele explica o ciclo vital das orquídeas e os mecanismos extraordinariamente complexos que elas desenvolveram para assegurar a polinização e conseqüente sobrevivência. O autor mostra também como estas belas e fragrantas flores podem ser cultivadas e apreciadas por todos, seja em uma estufa especialmente construída para esse fim seja em um parapeito de janela, descrevendo com detalhe os gêneros cultivados comercialmente e indicando os cuidados necessários para o sadio desenvolvimento das plantas.

As 60 lindas fotografias a cores revelam de imediato a beleza destas plantas exóticas que induziram seus primeiros coletores a arriscarem a própria vida para obtê-las.

Peter Black viveu rodeado de orquídeas desde a infância, quando seu pai e Flory assumiram os mundialmente famosos viveiros de orquídeas Veitch & Sons, pioneiros na hibridação de orquídeas.

Adquira seu exemplar pedindo pelo Reembolso Postal a Ao Livro Técnico S/A. - Rua Bela nº 611 20930 - São Cristovão - Rio de Janeiro - RJ.



AO LIVRO TÉCNICO S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO • RIO DE JANEIRO

CRÉDITOS

- O Editorial e os textos sobre "Intergenéricos" e o "Cultivo do Dendrobium, tipo Nobile", que por lapso, não saíram identificados, são do Editor Roberto Agnes.
- O projeto e nova diagramação da revista são de Marisa Schopel.

ERRATA

- pág.5, onde se lê Ihony Suzuki, leia-se Jhony Suzuki.
- pág.6/8, o nome correto do Dir.Técnico do Orquidário Binot é Maurício Verboonen.
- pág.6, onde se lê "Lc.Sonia Altemburg, leia-se "Lc.Sonia Altenburg".
- pág.7, onde se lê "Aranha Germaske", leia-se "Aranka Germaske".
- pág.8, onde se lê "Laelia Mileri", leia-se "Laelia Milleri".



"Blc. Cap. Pessoa"
Cultivo Florália
Foto: Rolf Altenburg

R